

Entrevista com ALBERTO CUPANI

Prof. Dr. Alberto Oscar Cupani. Possui graduação em Licenciatura em Filosofia – Universidad Nacional de Córdoba, Argentina (1967) e doutorado em Filosofia – Universidad Nacional de Córdoba (1974). Pós-doutorado na Universidade de Paris 7 (1994-1995). Pesquisador do CNPq de 1987 a 2008. Lecionou em diversas universidades da Argentina e na UFSM (Brasil). Aposentou-se em 2013 como professor titular do Departamento de Filosofia da UFSC, instituição com a qual continua colaborando como professor voluntário. A sua área de docência (graduação e pós-graduação) e pesquisa é a Filosofia da Ciência e da Tecnologia, investigando principalmente os seguintes temas: ciência e valores, racionalidade e objetividade da ciência, ciência e controle da Natureza, filosofia da tecnologia, epistemologia das ciências humanas, filosofia da História. Autores mais estudados: Thomas Kuhn, Mario Bunge, Paul Feyerabend, Hugh Lacey.

1. Como se deu o seu interesse pela filosofia da ciência?

Foi a partir da minha tese de doutorado (Examen de la razón Dialéctica, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, 1974). À época, o debate sobre a cientificidade ou não da Dialética estava na moda, e eu quis averiguar os argumentos a favor e contra. Como resultado, e a partir das diversas leituras de base, meu interesse em compreender a ciência superou a atração de outros assuntos de que me havia ocupado (como a Antropologia Filosófica, que aspirava então a converter-se em área filosófica consolidada). No entanto, creio que esse interesse vinha sendo motivado, desde o início do meu curso de Filosofia, pelo contraste entre a disparidade das opiniões filosóficas sobre qualquer assunto, e a (aparente) unanimidade das conclusões científicas em um dado campo.

2. Como foi a sua formação em filosofia da ciência?

Minha orientadora à época indicou que eu me familiarizasse com as noções e procedimentos científicos mediante a leitura das obras de Mário Bunge¹. A indicação fundamentava-se em que Bunge é um filósofo de formação científica em cuja obra principal (La Investigación Científica, BUNGE, 1972) a exposição das ideias vai acompanhada da formulação de questões para refletir, o que incentiva uma assimilação crítica do conteúdo. Naturalmente, a evolução do meu pensamento e dos temas que ia abordando depois da tese me levaram a estudar os textos de outros filósofos da ciência. Popper², Thomas Kuhn³ (é claro!), Feyerabend⁴, Rescher⁵, Laudan⁶, Hempel⁷, Nagel⁸... Devo muito a Hugh Lacey⁹, Helen Longino¹⁰ e John Ziman¹¹ no que tange à compreensão da relação da ciência com a sociedade

- 1 Mário Bunge (1919-), físico e filósofo da ciência argentino.
- 2 Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco.
- 3 Thomas Kuhn (1922-1996), filósofo da ciência estadunidense.
- 4 Paul Feyerabend (1924-1994), filósofo da ciência austríaco.
- 5 Nicholas Rescher (1928-), filósofo germano-americano.
- 6 Larry Laudan (1941-), filósofo da ciência estadunidense.
- 7 Carl Hempel (1905-1997), filósofo alemão.
- 8 Thomas Nagel (1937-), filósofo estadunidense.
- 9 Hugh Lacey, filósofo australiano.
- 10 Helen Longino (1944-), estadunidense, filósofa da ciência.
- 11 John Ziman (1925-2005), físico e filósofo neozelandês.

2. Quais são as suas principais teses, concepções e ideias em filosofia da ciência?

Acredito que a ciência, entendida como conhecimento objetivo do mundo, seja possível e necessária ao desenvolvimento humano. Agrada-me em particular, a posição popperiana do “jogo” da ciência, que o restringe à formulação de explicações do mundo sempre revisáveis (POPPER, 2003). Verdades definitivas não têm lugar na ciência. A minha confiança no conhecimento científico sobrevive à percepção do caráter “construído” dos fatos e das leis, bem como à denúncia do caráter eventualmente ideológico de teorias e conclusões científicas. A ciência não é perfeita, porque nenhum empreendimento humano o é. Mas, apesar de suas limitações e mazelas, é o nosso melhor instrumento para explicar o mundo. Essa minha confiança não exclui a convicção de que em matéria de assuntos humanos, a explicação (e, eventualmente, a interpretação) é bem mais difícil que nas ciências naturais.

3. Quais são os pré-requisitos obrigatórios para que alguém seja considerado apto à pesquisa em filosofia da ciência?

É desejável que o candidato tenha formação científica, especialmente na área a que pretende se dedicar (filosofia da física, da biologia, da economia etc.). Do contrário, deve manter sempre a consciência de que sua filosofia da ciência é de segunda mão, abstendo-se da pretensão de pronunciar-se sobre o que não conhece por experiência. No máximo, pode opinar sobre os aspectos da ciência igualmente acessíveis a leigos e cientistas, sendo forçado, em questões técnicas, a ceder a palavra aos cientistas ou filósofos de formação científica. É importante, contudo, que o filósofo da ciência saiba que há mais coisas no mundo do que as que sonha a sua filosofia, isto é, que existem problemas que a ciência não resolve, e talvez entidades ou processos que lhe são inacessíveis. Com outras palavras: deve evitar o cientificismo.

4. Quais são as principais questões, ou temas, em filosofia da ciência?

Eu diria que seriam a questão da objetividade (a que tenho me dedicado particularmente), a da natureza das teorias científicas e a da presença de valores não cognitivos na ciência. Também, a tendência a reduzir a ciência à “tecnociência”.

5. Como vê a situação atual da filosofia da ciência no mundo? E no Brasil? O que poderia ser feito para aperfeiçoar esta situação?

Creio que a Filosofia da Ciência continua proeminente nos Estados Unidos e alguns países europeus. No Brasil, se compararmos a situação atual com a de quarenta anos atrás, quando cheguei a este país, o cultivo acadêmico da Filosofia da Ciência cresceu muito. Na década de 1970, apenas a Unicamp era conhecida internacionalmente como centro de pesquisas na área. Hoje existem diversos núcleos bem consolidados, com destaque para a Universidade Federal de Santa Catarina, em que trabalhei até a minha aposentadoria. Quanto ao que fazer... é difícil sugerir estratégias. A vocação para qualquer ramo dos estudos filosóficos não pode programar-se, e se devo considerar como amostra significativa as escolhas dos mestrandos e doutorandos da minha universidade, os estudantes preferem se dedicar a questões éticas e políticas, mais do que epistemológicas. Já quanto a consolidar o crescimento conjunto da filosofia da ciência no Brasil, creio necessário que os autores brasileiros leiamos e discutamos mais os nossos colegas da academia em nosso país, em vez de nos restringirmos aos escritos de autores estrangeiros.

6. Quais os autores que considera mais influentes em filosofia da ciência?

Estes seriam Popper, Kuhn, Van Fraassen¹², Ian Hacking¹³ e Nancy Cartwright¹⁴, além de Quine¹⁵, indiretamente. No Brasil, é particularmente influente, entre filósofos e não filósofos, a obra de Hugh Lacey.

7. Qual a relevância da filosofia da ciência para a ciência? E para a filosofia? Haveria ainda uma terceira área do conhecimento, que poderia ‘ganhar’ com a filosofia da ciência?

Para a ciência, a reflexão filosófica estimula um exercício mais lúcido e responsável da pesquisa. A experiência que o cientista tem vai às vezes acompanhada de falta de consciência dos problemas que o exercício da ciência implica (p.e.: são reais as entidades teóricas?) Mas essa contribuição, na minha opinião, serve para justificar o papel da reflexão filosófica em qualquer atividade (política, pedagogia, Direito...). Para a filosofia, um acréscimo de interesse na filosofia da ciência (isto é, no conhecimento da ciência) significaria uma diminuição de abordagens filosóficas duvidosamente efetivas, do ponto de vista epistemológico, sobretudo quando são apresentadas em linguagens esotéricas. E quanto a uma terceira área de conhecimento, penso que a ética poderia se beneficiar de uma reflexão sobre a ciência, considerando-se que muitos problemas morais na atualidade derivam da produção e aplicação da ciência. A filosofia da ciência é também benéfica à filosofia da tecnologia, área relativamente recente que merece mais atenção da recebida até hoje.

8. Gostaria de acrescentar alguma outra observação, ou comentário, que não foi contemplado nas perguntas anteriores?

Apenas parabenizar a *Revista Em Construção* por esta iniciativa.

REFERÊNCIAS

- BUNGE, Mário. *La Investigación Científica: Su Estrategia y su Filosofía*. Barcelona: Ariel, 1972.
- CUPANI, Alberto. *Sobre a ciência*. Estudos de Filosofia da Ciência. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2018
- CUPANI, Alberto. *Filosofia da Tecnologia: Um Convite*. 1. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. v. 1.
- CUPANI, Alberto. *Filosofia da Ciência II*. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- CUPANI, Alberto. *Filosofia da Ciência*. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009. v. 1.
- CUPANI, Alberto. *A Crítica do Positivismo e O Futuro da Filosofia*. 1a. ed. Florianópolis, SC: Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.
- POPPER, Karl. *Conjecturas e Refutações*. São Paulo: Almedina, 2003.
- Nota:** para referências às publicações do professor Alberto Cupani, ver:
<https://fil.cfih.ufsc.br/prof-dr-alberto-oscar-cupani/>

12 Bas van Fraassen (1941-), filósofo da ciência neerlandês.
13 Ian Hacking (1936-), filósofo da ciência canadense.
14 Nancy Cartwright (1944-), estadunidense, filósofa da ciência.
15 Willard Van Orman Quine (1908-2000), filósofo estadunidense.